

Abertura das “Atlantic Conferences”

Sr. Presidente do Governo Regional, Dr Miguel Albuquerque e
Sr Presidente da Câmara de Câmara de Lobos, Dr Celso
Bettencourt

Convidados, Senhoras e Senhores,

Sejam muito bem-vindos à quarta edição das *Atlantic Conferences*
ou Conferências do Atlântico,

Espera-nos, tenho a certeza, um excelente dia com
muita discussão proporcionada pela oportunidade
de estarmos juntos na Madeira e pela felicidade de
um tema tão importante.

Estamos já na quarta edição, ou quarto ano de exist-
tência, mas a sensação que temos é que iniciamos
ontem. Na primeira edição, com James Müller, imaginamos conhe-
cer um melhor o percurso de Churchill na Madeira, na sua dimen-
são artística, e com Allen Packwood, debatemos o papel decisivo de
Churchill para a abordagem daquilo que viria a tornar-se o “Dia D.”
A Madeira que assim se influencia por Churchill. Enquanto também
discutimos o inverso: o possível impacto, ou fonte de inspiração, da
ilha da Madeira na pessoa de Churchill.

A Madeira, sua dimensão marítima e estratégica de Portugal, a vida
inspiradora de Churchill e a nossa vontade em debater a liberdade
cruzam-se aqui no Museu da Imprensa. Uma reunião proporcionada
pelo nosso Professor João Carlos Espada, que aqui nos juntou para
que pudéssemos voltar aos temas fundamentais: preservar a liberda-
de, a sociedade aberta e espontânea em tempos conturbados.

A ideia parece simples, embora inesgotável. Aqui temos o mote
para dialogar sobre a preservação da liberdade ordeira pela lei e a
união ou determinação necessárias em tempos em que a liberdade é
ameaçada. Churchill dá-nos o pretexto.

Ultimamente, no espaço público, tem sido recordado inúmeras
vezes o acordo de Munique de 1938. A cedência dos sudetas, na ver-
dade resultante da intimidação da Alemanha Nazi, era apresentada
como parte de um plano para acalmar Hitler. Churchill sabia: ceder ao
agressor, não funciona. A imagem que fica com o regresso do Primeiro
Ministro Neville Chamberlain, a 30 de setembro, e a sua frase precipi-
tada: “*I believe it is peace for our time*”, fala por si. Ao agitar no ar o do-
cumento, dizendo “aqui está o papel com a minha assinatura e a dele”.

O Reino Unido ficou na escolha entre a ‘*vergonha*’ do acordo assi-
nado com Hitler e a declaração de ‘*guerra*’. “Agora vamos ter Guerra”
ou nas suas famosas palavras dirigidas a Chamberlain no Parlamento:
*You had a choice between shame and war, you have chosen shame. Now
we will get the war.*

Talvez considerasse que muitas vezes a decisão mais acertada não
é a que aponta diretamente ao desfecho mais desejado, a paz a todo o
custo, mas aquela que pode evitar o mal maior apontando em primei-
ra instância para esse mal a evitar, no caso, a guerra.

Como agora se costuma dizer, *se queres a paz prepara-te para a
guerra*. Uma postura mais assertiva teria sido necessária.

Churchill lembrava para duvidarmos dos ditames da lógica.
Em 1943, com o Parlamento do Reino Unido em ruínas, alguns
deputados propuseram a reconstrução da câmara seguindo a ló-



Orlando Samões

COORDENADOR EDITORIAL
DE NOVA CIDADANIA

PROFESSOR E COORDENADOR
DA LICENCIATURA IEP-UCP

gica dos países continentais
europeus: uma assembleia se-
micircular.

Churchill discordou num
famoso discurso, no dia 28 de
outubro, sobre a falta de ‘lógica’
do parlamento inglês, onde ex-
plicou que os deputados nem
sequer têm lugar para se sentar,
todos ao mesmo tempo. Disse
que um parlamento retangular,
com bancadas frente-a-frente
torna claro aquilo que é verda-
deiramente importante: atra-
vessar o corredor. A passagem
do governo para a oposição e
vice-versa, é o movimento mais
determinante. Ao contrário da
versão do parlamento em se-
micírculo, podemos facilmente
deslizar da esquerda para a di-
reita. As cores da política, aliás,
são gradações “insensíveis”, “to-
nalidades de rosa”, explica, e só o
processo de “atravessar o corre-
dor de um lado para o outro lado
é que requer uma consideração
séria”. As suas duas mudanças
de partido, dos conservadores
para os liberais e o regresso aos
conservadores, seriam disso
exemplo: “E eu sei bem do que
falo porque atravessei o corre-
dor duas vezes.”

Nem sempre as abstrações da
razão, da lógica ou a procura de
uma visão política permanente
ou coerente em termos ideoló-
gicos devem ser elogiados. Ne-
nhum destes, por si só, deverá
ser o melhor guia para toda a
forma de estar na política. Ou
dito de outra forma, *um inglês
nunca desenha uma linha sem a
esborratar.*

A realidade é confusa e cada
vez mais complexa. Pelo que
procurar manter um enquadra-
mento político dentro do qual
podemos ouvir todos os pontos
de vista, procurar propostas que
sejam reversíveis, graduais e
tentativas, é muito importante
e pode ser mais prudente do que
aparentes soluções retilíneas de
perfeição. Que são muitas vezes
decisões precipitadas. Há mui-
tas políticas com boas inten-
ções, mas com maus resultados.

Voltarmos à chamada “políti-
ca de imperfeição”, que não exige
revolver tudo de uma só vez, mas
sim que procura perceber que as
circunstâncias, a realidade, as
limitações do nosso conheci-
mento, e falibilidade, nos podem
lembrar que devemos baixar as
expectativas quanto à capacida-
de da política em resolver todos
os nossos problemas, e em vez
disso dar mais espaço para que a
livre participação das pessoas, a
sociedade civil, a livre iniciativa
e o mercado possam entremear
esse esforço, assim sendo mais
alargado, em que todos possam
contribuir em interação para o
bem estar geral. No fundo que
cada um possa usar os seus ta-
lentos e conhecimentos para
tentar fazer mais e melhor, ar-
riscar mais, errar aprender, para
que assim surjam novas ideias, e
que por tentativa e erro se possa
avancar em termos de conheci-
mento e prosperidade.

O IEP tem duas salas com nome: A Infante D Henrique *O Navegador* e a Winston Churchill.

O Navegador, serve para nos lembrar que as escolas, tal como a Escola de Sagres, nem sempre têm de ter programas dirigidos e programados, disciplinas e livros pré aprovados, alunos e professores separados e demarcados.

Em Sagres todos falavam entre si, sem darem classificações uns aos outros. Falaram sobre os objetos de medição ou orientação, cordas e madeiras, e queriam sim saber mais sobre os mares desconhecidos. O entusiasmo e a curiosidade dos que se reuniam à volta destes objetos lançou Portugal num dos maiores empreendimentos da história. (Nem todas as escolas tiveram tanto sucesso...)

É no fundo para continuarmos a mapear mares desconhecidos, que estamos hoje aqui reunidos na 4ª edição de *Atlantic Conferences*. O IEP agradece a generosidade, hospitalidade e oportunidade - e felicita a Câmara da Câmara de Lobos, o Governo Regional da Madeira, e a Universidade da Madeira e está ansioso - estamos todos ansiosos - para dar continuidade a todos os nossos projetos académicos. Parceria e

cooperação, palavras com força, que valem tanto a pena recordar e reforçar nos dias que correm. Desejamos fortalecer os laços que nos unem.

Em nome da Professora Mónica Dias, Diretora do IEP, agradecemos a vossa presença, e desejamos uma excelente conferência. Muito obrigado.

Orlando Samões

20 de fevereiro de 2026 NC

Conferências do Atlântico 2026

MUSEU DE IMPRENSA

Câmara de Lobos é um concelho moldado pelo mar. Aqui, habituamo-nos a olhar para o Atlântico como presença viva que nos distingue.

É memória. É herança. É horizonte.

É com elevada honra que vos recebemos na abertura da 4ª edição das Conferências do Atlântico. Saúdo o Senhor Presidente do Governo Regional da Madeira, Dr. Miguel Albuquerque, cujo apoio institucional tem sido decisivo para afirmar a Madeira como espaço de pensamento estratégico no Atlântico.

Dirijo uma saudação muito especial ao Dr. José Manuel Durão Barroso, que juntar-se-á a nós durante a tarde, mas cuja experiência enquanto Presidente da Comissão Europeia e antigo Primeiro-Ministro de Portugal constitui uma referência maior no debate sobre a Europa e a aliança transatlântica.

Permitam-me ainda uma saudação muito particular ao Dr. Orlando Samões. A sua presença honra esta iniciativa e simboliza a ligação entre reflexão estratégica e responsabilidade institucional. Num tempo em que o debate público exige clareza e profundidade, o seu contributo reforça a credibilidade e a exigência intelectual que estas Conferências pretendem afirmar.



Celso Bettencourt

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CÂMARA DE LOBOS

Professor Jeremy Black, it is a privilege to welcome you to Câmara de Lobos. Your distinguished scholarship on military history and the Atlantic world brings intellectual authority and historical depth to this conference.

Cumprimento igualmente a Senhora Embaixadora Ana Martinho, cuja carreira diplomática honra Portugal e enriquece estas conferências do Atlântico.

Saúdo o Professor João Carlos Espada, cuja visão intelec-

tual e empenho académico têm sido determinantes para a consolidação destas Conferências.

Dirijo também uma palavra de reconhecimento aos restantes oradores e moderadores desta edição: Henrique Burnay e Catarina Leão, que hoje nos ajudam a pensar os desafios contemporâneos da democracia liberal; Raquel Duque e Joaquim Pinheiro, cuja investigação reforça a dimensão académica deste encontro; Aos doutores Guilherme Silva e Ricardo Vieira, com percursos marcantes na vida pública regional e nacional; Ao dr. António Pedro Costa, ao dr. Joel Viana, que contribuem para a articulação entre pensamento político e realidade institucional; E ainda Edward Godfrey, cuja ligação à tradição histórica luso-britânica reforça o simbolismo atlântico desta conferência.

Demais entidades académicas, políticas, religiosas e civis Minhas Senhoras e Meus Senhores,



A vossa presença eleva esta iniciativa e confirma a sua relevância.

Câmara de Lobos é um concelho moldado pelo mar. Aqui, habituamo-nos a olhar para o Atlântico não como uma abstração geográfica nem um conceito estratégico distante, mas como forma de sustento. Mas é também ao longo da nossa existência presença viva que nos distingue. É memória. É herança. É horizonte.

Vivemos numa condição arquipelágica que nos ensina, desde cedo, que o mar não é apenas limite. É ligação. Não é apenas distância. É ponte. A Madeira construiu a sua identidade nesta tensão permanente entre isolamento e abertura. Entre a insularidade e a vocação universal.

Durante séculos, o Atlântico foi o nosso caminho para o mundo. Foi por ele que parti-

ram gerações de madeirenses em busca de oportunidades. Foi por ele que chegaram culturas, ideias, comércio, alianças. Foi por ele que nos afirmamos como território insular europeu com dimensão global. Por isso, quando falamos do espaço Euro-Atlântico, não falamos de teoria. Falamos de realidade vivida e conquistada.

Desde sempre a Madeira ocupa uma posição estratégica no Atlântico mas nem por isso devidamente reconhecida ou valorizada. Somos região ultraperiférica da União Europeia, mas estamos no centro de rotas marítimas, de dinâmicas geopolíticas e de desafios globais que hoje se tornam cada vez mais evidentes: segurança, energia, ambiente, comércio internacional.

E dentro desta realidade insular, Câmara de Lobos tem um simbolismo particular.

Foi aqui que Winston Churchill escolheu pintar. Não foi um acaso. Não foi uma paragem turística qualquer. Foi uma escolha consciente de um homem que compreendia o valor simbólico dos lugares. Quando Churchill aqui esteve, em 1950, o mundo saía de uma guerra devastadora e entrava numa nova era de tensão global. A Guerra Fria começava a desenhar-se. A democracia liberal enfrentava ameaças ideológicas e estratégicas profundas. E, no entanto, ele escolheu este recanto Atlântico para contemplar, para pintar, para refletir.

Talvez porque aqui se sente o equilíbrio entre firmeza e abertura. Entre tradição e futuro. Entre identidade e mundo.

Churchill dizia que “a democracia é o pior dos sistemas, à exceção de todos os outros”. Esta frase tornou-se célebre porque exprime realismo político. A democracia não é perfeita. Não é simples.

Exige vigilância permanente. Exige instituições fortes. Exige cidadãos conscientes.

Hoje, perante desafios às democracias liberais, perante tensões geopolíticas renovadas, perante discursos que testam os limites das nossas instituições, esta reflexão ganha nova atualidade. Mas Churchill lembrava também algo ainda mais essencial: “a coragem é a primeira das qualidades humanas, porque é a qualidade que garante todas as outras”.

Num município habituado ao mar aberto, compreendemos bem essa coragem. Coragem de enfrentar a incerteza. Coragem de afirmar valores. Coragem de permanecer fiel aos princípios mesmo quando os ventos mudam.

O tema desta edição — “Winston Churchill, Liberal Democracy and the Euro-Atlantic Alliance” — leva-nos a refletir



precisamente sobre isso.

A aliança euro-atlântica não é apenas um acordo estratégico. É uma comunidade de valores. É a convicção de que a liberdade individual, o Estado de direito e a dignidade humana são fundamentos inegociáveis. É a certeza de que a cooperação entre nações livres é a melhor defesa contra a instabilidade e a fragmentação.

Para uma região arquipelágica como a Madeira, esta realidade não é periférica. É central. Somos fronteira Atlântica da Europa. Somos ponto de ligação entre continentes. Somos mais do que um rochedo onde a dimensão marítima e a dimensão democrática se cruzam diariamente.

Câmara de Lobos orgulha-se, por isso, de ser palco destas Conferências.

Não apenas porque aqui Churchill pintou uma baía. Mas porque aqui se simboliza algo maior: a ligação entre o

O ATLÂNTICO ENSINOU-NOS QUE OS HORIZONTES EXISTEM PARA SEREM ALCANÇADOS. E QUE A LIBERDADE EXIGE TENACIDADE

pensamento e a ação. Entre a história e o presente. Entre o Atlântico e a Liberdade.

Num mundo marcado por novas tensões estratégicas, por transformações tecnológicas aceleradas e por desafios ambientais globais, a democracia precisa de conhecimento. Precisa de debate sério. Precisa de pensamento crítico. Precisa de responsabilidade política.

É isso que também estas Conferências representam.

São espaço de reflexão exigente. São ponto de encontro entre academia, política e sociedade. São afirmação de que a Madeira não é margem, mas parte ativa da discussão sobre o futuro da democracia liberal e da ordem euro-atlântica.

Distintos conferencistas Caros e caras convidados

50 anos depois da consagração do regime autonómico nas ilhas atlânticas, a evocação deste percurso convida a uma reflexão que não se limita à memória, antes convoca responsabilidade perante as circunstâncias do presente. As regiões insulares enfrentam hoje um quadro exigente, marcado por mudanças no equilíbrio europeu, por desafios demográficos persistentes, pela necessidade de reforçar resiliência económica e por uma crescente atenção

ao papel estratégico do Atlântico num contexto internacional mais incerto. A autonomia revela a sua verdadeira natureza, não como fórmula estática, mas como compromisso permanente com a boa governação, com a capacidade de antecipação e com a afirmação de uma presença esclarecida no espaço nacional e europeu.

No plano municipal, é em municípios como Câmara de Lobos que esta exigência se torna tangível. Aqui, onde a relação com o mar moldou gerações e onde o sentido de dever público se traduz em decisões quotidianas, compreende-se que o autogoverno se mede na solidez das instituições e na prudência das escolhas. Assinalar meio século de autonomia é, portanto, reconhecer que a sua vitalidade depende da lucidez com que enfrentamos as provas do nosso tempo e da determinação com que preservamos os princípios que sustentam a vida democrática. Porque, em última análise, as instituições não se afirmam apenas pelo que herdaram, mas pelo modo como respondem quando são chamadas a provar a sua razão de existir.

Termino lembrando “We shall not fail or falter; we shall not weaken or tire.” Não falharemos nem vacilaremos; não enfraqueceremos nem nos cansaremos.

Que essa determinação inspire também o nosso tempo.

O Atlântico ensinou-nos que os horizontes existem para serem alcançados. E que a liberdade exige tenacidade.

E do alto deste púlpito dou graças pelo fato deste Museu de Imprensa acolher pela 4ª edição das Conferências do Atlântico.

Sintam-se todos em casa tal como Churchill se sentia. Muito obrigado. NC